

SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXIX SIC

UFRGS
PROPESQ



múltipla 
UNIVERSIDADE
inovadora  inspiradora

Evento	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2017
Local	Campus do Vale
Título	Medindo a desigualdade de oportunidades educacionais no Brasil através de índices de dissimilaridade
Autor	PEDRO DE BITENCOURT MELGARÉ
Orientador	SABINO DA SILVA PORTO JUNIOR

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

Medindo a desigualdade de oportunidades educacionais no Brasil através de índices de dissimilaridade

Bolsista: Pedro de Bitencourt Melgaré

Orientador: Sabino Porto Junior

Este trabalho tem como objetivo mensurar a desigualdade de oportunidades educacionais no Brasil entre diferentes grupos sociais, especialmente os determinados por etnia e gênero. Usando os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2001, 2006 e 2012 sobre escolaridade, busca-se inferir qual a trajetória desta desigualdade através do tempo, bem como quais são as diferenças regionais de desigualdade de oportunidades educacionais.

O trabalho toma como base a literatura desenvolvida por John Roemer sobre justiça e igualdade de oportunidades. Nesta, é feita uma análise da distribuição de vantagens (e.g renda, educação, acesso à saúde) entre os membros de uma sociedade. Uma desigualdade de vantagens, então, é entendida como justa apenas na medida em que reflete escolhas deliberadas de cada sujeito, pelas quais o mesmo é moralmente responsável. Por outro lado, desigualdades atribuíveis apenas a diferenças de circunstâncias - isto é, fatores sobre os quais o indivíduo não exerce controle, como gênero e etnia - são essencialmente injustas.

Dentre os diversos índices já propostos para mensurar desigualdades de oportunidades no paradigma roemeriano, o escolhido por este trabalho é o índice de dissimilaridade $H_{t,a}^2$ proposto por Gaston Yalonetzky, em *A Dissimilarity Index of Multidimensional Inequality of Opportunity* (2010). Este índice captura essencialmente os desvios de uma distribuição em relação a uma situação em que as vantagens são neutras em relação às circunstâncias. Dentre outras propriedades, o índice assume seu valor mínimo de 0 se e somente se a distribuição de vantagens é idêntica através de todos os tipos (isto é, uma combinação única de valores das circunstâncias). Ele atinge seu valor máximo de 1, por outro lado, se e somente se um de dois critérios de desigualdade maximal, associação completa e associação absoluta, é satisfeito pela amostra em questão.

A PNAD de 2012 evidencia diferenças consideráveis de escolaridade entre as circunstâncias em destaque. Brancos relataram em média 1,7 ano a mais de escolaridade do que negros e pardos, enquanto mulheres relataram em média 0,7 ano a mais de escolaridade do que homens. Neste ano, a região Sul apresentou a maior desigualdade de oportunidades em relação a etnia, com índice de dissimilaridade de 0,222, enquanto a menos desigual neste aspecto foi a região Norte, com 0,123. Já para a circunstância gênero, a região mais desigual é o Nordeste, com índice de 0,137, enquanto a mais igual é o Centro-Oeste, com 0,083.

Ao separar a amostra em 6 faixas etárias, emergem dois padrões distintos nos dois índices de dissimilaridade. Em relação a etnia, observa-se que as faixas etárias mais novas consistentemente apresentam índice de dissimilaridade menores em relação às mais antigas em quatro das cinco regiões, indicando uma tendência persistente de redução das desigualdades de oportunidade. Em relação a gênero, por outro lado, o índice de dissimilaridade assume valores mais altos nas faixas etárias extremas (15 a 21 anos e 62 anos ou mais) e tem seu mínimo na faixa de 42 a 51 anos, apresentando o formato de uma parábola invertida. Este ponto crítico provavelmente está associado ao paulatino aumento da escolaridade média das mulheres, que já supera a dos homens em todas as regiões do Brasil.